Ciranda de empresas

Grande movimento de fusões e aquisições dinamiza os negócios de insumos e máquinas agrícolas

LUIZ ANTONIO PINAZZA E REGIS ALIMANDRO

Os mercados externo e interno de defensivos passam por um forte processo de concentração, com substancial redução no número de grandes empresas. Nos anos 70, cerca de 20 empresas representavam 80% do total. Hoje são apenas sete, e tendem a chegar a cinco até 2005.

Dança das fusões

Criada este ano, a Aventis, resultado da fusão entre Rhône-Poulanc Agro e AgrEvo, abocanhou quase 13% do mercado antes liderado pela Novartis

Já a Basf, com a aquisição da Cyanamid em julho último, por US$3,8 milhões, duplica seus negócios em agroquímicos e passa a liderar o *ranking*, com 13,5%.

A concorrência entre a Basf e a Aventis ganha novos contornos com a chegada da Syngenta, união entre a Novartis e AstraZeneca, com participação de 20% no mercado brasileiro.

As empresas com produtos exclusivos (patentes) e genéricos participam com 90% das vendas do setor, enquanto as companhias de genéricos movimentam os outros 10%.

A Agência Nacional de Vigilância da Saúde está cada vez mais exigente quanto às informações requeridas para o registro de produtos genéricos. Estudos laboratoriais de curto, médio e longo prazos precisam ser realizados e podem se tornar demorados. Aumentam com isso os custos das empresas de genéricos, o tempo para obterem os registros de seus produtos – e o seu descontentamento, é claro.

Fatores de depreciação

A Associação Brasileira dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) estima que, no país, da frota de 460 mil tratores, 16,8% têm entre 21 e 25 anos de uso; 18,2% estão na faixa dos 16 a 20 anos; 27,25% têm de 11 a 15 anos e 20,7% datam de seis a 10 anos. Apenas 16,8% deles estão com menos de cinco anos de uso.

Para julgar se o equipamento está sucateado, além da idade, é importante analisar a finalidade e a intensidade do uso da máquina. A troca do trator deve ocorrer entre 12 e 15 anos de uso. A queda de rendimento e o aumento da manutenção depreciam a propriedade.

Os tratores que estão em uso com mais de 15 anos não atendem às exigências da agricultura moderna. Os motores precisam ser mais potentes para cumprir tarefas como a operação do plantio direto. Se antes um trator de 60hp satisfazia às necessidades do agricultor, hoje é necessário uma unidade superior a 100hp.

Embalado pela flexibilização dos juros e dos prazos do Programa de Modernização da Frota de Tratores, Colheitadeiras e Implementos Associados (Moderfrota) – uma linha de financiamento operada pelo Finame/BNDES lançada em março último, cuja taxa de juros varia de 8,75 a 10,75% ao ano –, o mercado opera com otimismo. As liberações contempladas pelo programa de janeiro a julho ultrapassam em 50% os valores registrados no ano passado. O Moderfrota dispõe de R$800 milhões de reais para serem aplicados este ano e mais R$800 milhões para aplicação no ano que vem. O investimento total do banco até dezembro está estimado em R$1,1 bilhão, dos quais R$300 milhões serão destinados a equipamentos como silos de armazenagem e sistemas de irrigação, por exemplo.

A carteira do Finame Agrícola cresceu 30% no número de operações, que passaram de 4.307 para 5.654 nos quatro primeiros meses deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. Os fabricantes também comemoram a autorização do governo para reduzir 20% da alíquota do ICMS nas vendas para outros estados.

Boas perspectivas

No último triênio, uma onda de aquisição de fabricantes nacionais de fertilizantes levou à liderança o grupo Bunge, através da controlada Serrana, bem como à entrada de dois pesos-pesados estrangeiros: a norte-americana Cargill e a norueguesa Norsk Hydro.

Com a compra de IAP, Takenaka e Manah, a Serrana adquiriu o controle de 52% da Fosfértil/Ultrafértil, principal fornecedora brasileira de matérias-primas fosfatadas. A empresa ainda tem operações próprias em São Paulo e Minas Gerais (Arafértil).

A Cargill comprou a Solorrico e, recentemente, a Fertiza, que lhe deu participação na Fosfértil. A Norsk Hydro mantém negociações com a gaúcha Trevo.

Ranking do mercado de defensivos
1999

Empresa	Faturamento – US$ milhões	Participação %
Aventis	299	12,6
Novartis	288	12,2
Milenia	191	8,1
Monsanto	185	7,8
Cyanamid	177	7,5
Zeneca	176	7,4
DuPont	173	7,3
Bayer	159	6,7
Basf	138	5,8
FMC	90	3,8
Dow	89	3,8
Hokko	88	3,7
Iharabras	54	2,3
Hoom & Haas	42	1,8
Sipcam	23	1,0
Uniroyal	9	0,4
Outros	184	7,8
Total	2.365	100

Rio Grande do Sul: novas alíquotas de ICMS

Operação	Até 31 jul.	A partir de 1 ago.
Interestadual para as regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Espírito Santo	5,10%	4,10%
Interestadual para as regiões Sul e Sudeste	8,75%	7,00%
Demais	7,00%	5,60%
Rio Grande do Sul	isento	isento

Brasil: indústria sementeira
Mil toneladas

Cultura	2000	% sobre 1999
Algodão	19.800	51,4
Arroz	99.415	-22,6
Feijão	18.185	-12,1
Milho	175.800	4,8
Soja	849.100	-10,9
Total	1.162.300	-8,6

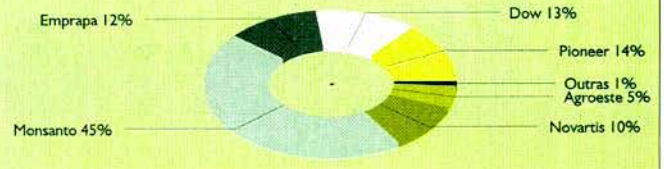
Fonte: Abrassem.

Finame Agrícola: desembolsos realizados e previstos
Em mil reais

Anos	Proleite	Moderfrota	Taxa fixa	Taxa variável	Total
1995				417.212	417.212
1996				216.435	216.435
1997			65.525	279.752	345.276
1998			308.709	100.545	409.254
1999	2.041		690.745	47.129	739.915
2000*	8.729	119.329	199.460	14.080	1 341.598

*Período de janeiro a maio.

Brasil: mercado de sementes de milho híbrido – participação das empresas



A Copebrás, do Grupo Anglo American, a maior companhia de mineração e recursos naturais do mundo, com receita anual de US$20 bilhões, aprovou investimento de US$135 milhões na instalação de uma indústria química em Catalão, Goiás. Com o projeto, a empresa dobra para 900 mil toneladas sua capacidade de produção anual de matérias-primas intermediárias para fertilizantes.

Em compasso com essas operações, o mercado brasileiro de fertilizantes revela um desempenho excepcional no primeiro semestre deste ano. As vendas nacionais cresceram 40% entre janeiro e agosto deste ano, passando de US$1,11 bilhão em igual período do ano passado para US$1,56 bilhão. O setor de adubos vendeu 8,7 milhões de toneladas entre janeiro e agosto, segundo a Anda, o que significa um incremento de 44% sobre as vendas do mesmo período do ano passado. Segundo a mesma fonte é provável que o ano feche 15,7 milhões de toneladas comercializadas e uma receita de US$2,7 bilhões.

Sementes: um novo perfil

Com a regulamentação da lei de proteção dos cultivares, em 1997, o mercado sementeiro adquire um novo perfil. A participação das empresas estrangeiras saltou de 50% para 90%, diante de suas estratégias de verticalizar a produção. Na transformação biotecnológica, a semente é o insumo mais importante.

As grandes companhias investem pesado na pesquisa e desenvolvimento através da manipulação genética e dos processos de multiplicação, beneficiamento, classificação e comercialização da semente.

A Monsanto adquiriu a Agroceres, a Cargill e a Braskalb. A AgrEvo, *joint venture* entre as alemãs Hoechst e Schering, comprou a Ribeiral, principal sócia da União de Produtores de Milho de Sementes de Milho de Pesquisa Nacional (Unimilho), associação que reunia 17 firmas em parceria tecnológica com a Embrapa. A Dow, após assumir o controle via Mycogen, da Dinamilho, da Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia (Carol), a Colorado, a Semente Hatã e a FT Pesquisa e Sementes, comprou a divisão de sementes de milho da Zeneca, em negócio fechado no fim de julho. Com essa operação, a empresa passa a ter uma participação de 10% a 11% no mercado nacional de sementes de milho. A Zeneca tinha 3%.

O mercado nacional de semente de milho híbrido, que anualmente movimenta 120 mil toneladas e fatura US$250 milhões, reflete bem as operações de compra e venda realizadas no setor.